

ENTRE O CÉU E O ABISMO OU A *HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E SEU IRMÃO PRECITO*

Sara Augusto

RESUMO

A ficção espiritual barroca recorreu com frequência à alegoria, com ela reforçando a sua eficácia como veículo transmissor de doutrina e de exemplo. As linhas do enredo, o pormenor da descrição, o elaborado dos símiles e das metáforas, foram elementos fundamentais na captação do leitor para aderir a comportamentos apontados como ideais. A estrutura da viagem, associada ao amadurecimento interior, constitui uma das alegorias mais profícuas, integrando-se, neste âmbito, a *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682), de Alexandre de Gusmão.

ABSTRACT

The Baroque spiritual fiction frequently resorted to allegories, reinforcing its capability to indoctrinate and moralize. The different narrative lines, the detail of the descriptions, the elaborate similes and metaphors were essential elements to capture the interest of the reader and to improve his/her moral behaviour. The structure of a journey associated with internal change is one of the most significant allegories, as *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682), by Alexandre de Gusmão, so clearly exemplifies.

“Eis aqui, devoto Leitor, o fim que teve o nosso Predestinado Peregrino de todos os seus caminhos; eis aqui qual foi o termo de sua peregrinação. Agora é bem que confiras com o do seu Irmão Precito, para que pelo sucesso de um e de outro vejas o caminho que levas, para conhecer o fim que te espera. Todos somos nesta vida Peregrinos e algum dia há de chegar o fim de nossa peregrinação, o qual ou há de ser de salvação ou de condenação eterna. Pois se tu queres saber qual destes dous fins te espera, examina os passos de teu caminho. Se segues os passos de Predestinado, bem podes esperar o de salvação, se segues os passos de Precito, bem podes temer o da condenação.”

(*História do Predestinado Peregrino*, 1685:

359-360)

Na “Conclusão de toda a história do Predestinado Peregrino, e seu Irmão Precito”, no último capítulo da obra, as primeiras palavras do narrador, citadas em epígrafe, direccionam o discurso para o Leitor, inculcando-lhe toda a responsabilidade pelas opções que este viesse a tomar quanto à orientação da sua vida espiritual, depois da leitura da longa narrativa e da alegorese a que procedeu no capítulo anterior. É evidente o carácter pedagógico no final da narrativa, um dos efeitos mais pertinentes da utilização da alegoria na ficção romanesca da época barroca.

1.

A inscrição da *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, do Padre Alexandre de Gusmão, sob a categoria da “alegoria moral” não oferece dúvidas de maior, partilhando com outras narrativas barrocas um campo integral de construção alegórica. Desta forma, a estrutura narrativa, assente nas suas categorias consideradas essenciais, desenvolve-se de acordo com uma estratégia em que dois fios de leitura se acompanham, passo a passo. O enredo, no desenho das personagens e da acção, num tempo e num espaço, ao contar uma história, legível em termos ficcionais, obedece a uma orientação emanada de um conjunto de princípios doutrinários e morais em configuração. O processo de escrita alegórica é um processo de codificação de matéria espiritual, de procura de analogias inusitadas, mas lógicas e claras, da complementaridade resultando a eficácia. A leitura da alegoria corresponde a um processo inverso, mas que exige determinadas condições: em primeiro lugar, que o contexto justifique uma segunda leitura (o título, a indicação explícita do género, os prólogos, dedicatórias e licenças do Santo Ofício e do Paço); depois, que a lógica ficcional exija, pelo imaginário fantástico, mágico e mitológico, uma integração alegórica justificada no quadro de uma leitura religiosa e espiritual.

No que diz respeito ao *Predestinado Peregrino*, a leitura dos textos preliminares permite demonstrar até que ponto Alexandre de Gusmão utiliza conscientemente uma forma de expressão bem específica. À sua longa alegoria, “o Autor” chamou parábola, utilizando esta designação tanto no “Proémio” como no “Prólogo ao Leitor”, respectivamente:

“O que nos importa, é caminhar para a nossa pátria, saber os caminhos e procurar a entrada, para o que vos servirá de guia o exemplo da história ou parábola seguinte.”

“Contém este Livro a história de dous Irmãos Peregrinos, que do Egipto, donde eram naturais, com o ânimo de melhorar fortuna, partiram para terras da Palestina. Vem a ser em **Parábola** a história de todo aquele que, seguindo os passos que nesta vida leva e seguindo o caminho que tomou, ou se salva ou se condena. Faço-o nesta forma assim para mover a curiosidade do Leitor, como para imitar o estilo de Cristo nosso Mestre e Senhor, do qual diz o Evangelista, que nunca jamais pregava ao povo, senão debaixo de alguma **parábola**, com que explicava a verdade de sua doutrina!”¹

Ao utilizar o “estilo parabólico”, é certo que o jesuíta tinha consciência de como a aridez da matéria doutrinária exigia uma forma mais suave e doce de ensino, principalmente quando as obras de entretenimento invocavam o argumento da leitura alegórica, capaz de descobrir nos enredos mais fantasiosos um fio de conduta moral. Seria mais eficaz a transmissão de conceitos doutrinários quando veiculada através de um enredo ficcional. Por outro lado, o argumento da utilização da alegoria nos textos sagrados é invocado com uma frequência que o torna significativo².

2.

Publicada em 1682, a *História do Predestinado Peregrino*³ constitui a primeira grande narrativa alegórica de carácter moral da literatura barroca em língua portuguesa, podendo ter servido de modelo essencial não só para a definição de alegoria moral, mas sobretudo como exemplo para a ficção romanesca alegórica do final de Seiscentos e primeira metade de Setecentos. A forma alegórica

¹ Apresentamos todas as citações com ortografia actualizada, mantendo as formas cuja actualização claramente modificaria a pronúncia das palavras.

² A invocação do exemplo das parábolas do Novo Testamento foi também o argumento de Nuno Marques Pereira, dirigindo-se “Ao Leitor”, no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728): “E se reparares no estilo, por ser em parte parabólico, tenho exemplo de muitos autores espirituais, que usaram desta frase e género de escrever, e o mesmo Cristo Senhor nosso, tratando sólida doutrina com os homens para melhor os persuadir, o praticou, e ainda hoje, com maior razão nos tempos presentes, para convencer ao gosto dos tediosos de lerem e ouvirem ler os livros espirituais, são necessários todos estes acepipes e viandas. E se não, vede o que se estila e pratica nos banquetes de agora, oferecendo-se nas mesas aos convidados no primeiro prato varias saladas, para mais agrado e gosto do paladar. Isto, que sucede nos banquetes do corpo, vos quis praticar neste banquete da alma”.

³ Alexandre de Gusmão, *Historia do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*, Lisboa, por Miguel Desland, 1682. Utilizámos a edição de 1685, Évora, Oficina da Universidade.

estruturar as narrativas de Soror Maria do Céu e de Soror Madalena da Glória, obras da primeira metade do século XVIII, mas o *Predestinado Peregrino* terá influenciado de forma mais directa, por uma proximidade de contexto e de espaço, o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira.

Profundamente interessado na formação dos noviços nos Colégios de Jesuítas da colónia brasileira por onde passou⁴, as suas obras apresentam a alegoria como forma de expressão preferida dos conteúdos didácticos de carácter doutrinário. É o caso da *Escola de Bethlem, Jesus nascido no Presépio*⁵, onde o nascimento do Menino serve de pretexto para analogias e dissertações sobre a virtude, ou de *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral*⁶, onde explora o tradicional sentido simbólico do corvo e da pomba, como figuras do pecado e da virtude. Apesar desta oposição ser relativizada em alguns capítulos, é significativo que, em 1734, Alexandre de Gusmão retome a antítese já utilizada no *Predestinado Peregrino*, quando no capítulo XIV da Primeira Parte, nos mostra como a Pomba e o Corvo são imagens do Predestinado e de Precito.

Como modelos, Alexandre de Gusmão tinha atrás de si toda uma longa tradição que desenvolvera o conceito de vida humana como peregrinação, na qual se abriam dois caminhos à alma peregrina, no caminho para a perfeição espiritual⁷. A deslocação física ficcionada, associada a uma pertinente diversidade de espaços, assume uma dimensão espiritual, em que o tempo se torna fundamental. O progresso das personagens no espaço narrativo corresponde a um processo de aprendizagem e de amadurecimento, com a duração imprevista da vida humana, num percurso feito pelas páginas da doutrina em direcção aos caminhos do céu. Trata-se do modelo da

⁴ Barbosa Machado (1965: I, 95-96).

⁵ Alexandre de Gusmão, *Escola de Bethlem, Jesus nascido no Presepio*, Évora, Oficina da Universidade, 1678.

⁶ Alexandre de Gusmão, *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral*, Lisboa, por Bernardo da Costa, 1734. Obra alegórica catequética, não ficcional, tal como a *Escola de Bethlem*, dividida em duas partes, onde se mostra como a Pomba é figura do Espírito Santo, de Cristo, de Nossa Senhora, da Igreja, da alma santa, da paz, da prudência, da mansidão, do Predestinado, do justo, do bem; e como o Corvo, apesar de ter estado ao serviço de Deus em certas ocasiões, é recorrentemente figura do pecador, da guerra, da ira, do Precito.

⁷ Desenvolvido por Angus Fletcher, o conceito de “progress”, prefigurando uma “questing journey” implica uma modificação qualitativa associada à viagem. Cf. FLETCHER (1982: 151 e ss).

“peregrinação”, decorrente da concepção do *homo viator*, imagem tão antiga e representativa como a do “combate interior”, encontrando-se, em regra, uma correspondência intensa entre os dois modelos. Neste campo, já a literatura medieval oferecia uma tradição formada e instituída, que serviu de fundamento à alegoria barroca de peregrinação. O difícil caminho ascendente para a santidade está figurado no sétimo tratado cartusiano, “Livro dos três caminhos e dos sete sinais do amor embebedado”, em que a vida espiritual percorre três caminhos (purgativo, iluminativo e contemplativo), e sobe sete degraus até atingir a contemplação de Deus⁸. A parábola dos dois caminhos que se abrem à “alma peregrina”, entre o Bem e o Mal, representa-se no *Horto do Esposo*⁹, tal como no *Boosco Deleitoso*, centrado sobre a viagem alegórica da alma, entre a vida secular e as vantagens da “vida apartada”¹⁰. Os ecos do tema chegavam a toda a Europa, sendo de realçar as obras, rapidamente traduzidas, de Guillaume de Digulleville, monge cisterciense do século XIV, *Le Pèlerinage de Vie Humaine* e *Le Pèlerinage de l'Âme*¹¹ e os chamados “livros de cavalaria a lo divino”, onde a matéria moral e ascética suplantava a ficção cavaleiresca e se revestia da alegoria¹². Não podemos esquecer a publicação, em 1678, de *The Pilgrim's Progress*, de John Bunyan, onde o Christian (Cristão) faz um doloroso e lento caminho da “City of Destruction” para a “Celestial City”¹³. A

⁸ Castelo Perigoso (2001: 287-312).

⁹ Orto (ou Horto) do Esposo (1956).

¹⁰ Boosco deleitoso (1950).

¹¹ *Le Pèlerinage de Vie Humaine* é caracterizada por Marcelino Menéndez-Pelayo como uma viagem alegórico-fantástica (1943: I, 449).

¹² Menéndez-Pelayo, (1943: I, 447-448): “nuevo género de ficciones que en todo lo exterior las remedasen, pero que fuesen, en el fondo, obras morales y ascéticas, revestidas con los dudosos encantos de la alegoría (...). Así nació el extravagante género de los libros de caballerías a lo divino, como a lo divino se parodiaron también los versos de Bóscan y Garcilaso y la Diana de Montemayor”: de Pedro Hernández de Villaumbrales, *El Caballero del Sol, o sea la Peregrinacion de la vida del hombre puesto en batalla*, Medina del Campo, 1552; de Fr. Jaime de Alcalá, *Caballeria Christiana*, 1570; de Andrés de la Losa, *El Caballero de la Clara Estrella o Batalla y triunfo del hombre contra los vicios*, 1580; Fr. Alonso de Soria, *Historia y milicia cristiana del caballero Peregrino, conquistador del cielo, metaphora y symbolo de cualquier sancto, que peleando contra los vicios ganó la victoria*, Cuenca, 1601.

¹³ John Bunyan, *The Pilgrim's Progress from this world, to that which is to come: delivered under the Similitude of a Dream wherein is discovered, the manner of his setting out, his dangerous journey; and safe arrival at the Desired Countrey*, London, Nathaniel Ponder, 1678.

semelhança da matéria da *História do Predestinado Peregrino* com a viagem de Christian é um dado conhecido, mas não passa de uma coincidência, pois se a narrativa do peregrino inglês foi largamente publicada a partir de 1678, só conhecemos a tradução para língua portuguesa em 1782, apesar de, no final do século XVII, já circular na Europa, traduzida em diversos idiomas¹⁴.

3.

Apresentada desde o primeiro momento como parábola, toda a estrutura do *Predestinado Peregrino* está construída com base no pressuposto da manifesta existência de uma dupla leitura do enunciado ficcional. A história de Predestinado e de Precito obriga inequivocamente, pelo facto de a alegoria se apresentar no seu grau mais elevado, a uma segunda leitura de carácter moral e doutrinário. De tal modo essa necessidade de descodificação era premente, sendo mesmo concretizada pelo narrador ao longo da obra, na descrição das personagens e dos espaços, que a novidade não se encontra no desenlace da narrativa. O enredo está firmemente orientado para um desfecho que não podia ser desconhecido, uma vez que correspondia a uma canónica configuração doutrinária e moral, mas que podia primar pela novidade dos conceitos e das analogias. É nesta linha dupla, entre sentido figurado e sentido real, construída passo a passo, que está a alegoria. Esse sentido figurado podia apresentar rasgados voos de imaginação, mas não podia oferecer dúvidas na sua interpretação, do que decorre a cuidada escolha das personagens e do espaço em que progridem, óbvias concretizações dos conceitos de um catecismo seguido ponto a ponto.

Definida a dupla leitura do enunciado alegórico, torna-se necessário definir as linhas-mestras que estruturam o enredo, elas própria significativas em termos de sentido moral. Em primeiro lugar, a antítese constitui o principal eixo organizador, estabelecendo-se logo a partir do próprio título da narrativa (Predestinado/Precito); mantendo esse protagonismo até à definição do destino final das personagens. Em segundo lugar, mantendo a construção antitética, desenvolve-se o progresso das personagens pelo espaço ficcional, configurado na viagem nos dois irmãos peregrinos, uma vez que cada um segue o seu

¹⁴ Tradução portuguesa: John Bunyan, *Peregrinação de um Christão, ou Viagem para a Cidade Celeste, debaixo da Alegoria de um Sonho*. Tradadada em vulgar, por F. R. I. L. E. L. (iniciais de Francisco Rolland, Impressor-livreiro em Lisboa), Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1782.

caminho, desenhando mapas e definindo veredas em pólos opostos. Esta estrutura da novela, compartimentada entre a antítese e a viagem, desenvolve uma simetria continuada, que pode representar-se de forma diagramática. Apresentado em seis partes¹⁵, o enredo desenvolve-se a partir de uma única fonte, considerando que tal possa representar a igualdade primária de circunstâncias a partir da qual evoluem as personagens:

“Em uma Cidade do Egipto por nome Gerson, que significa desterro, viviam dous irmãos Agarenos de nação, que quer dizer peregrinos por serem descendentes de Agar, que significa peregrina, aquela que primeiro foi escrava d’Abraão e depois foi desterrada por ódio de sua senhora Sarai. Chamava-se um deles Predestinado e outro se chamava Precito.” (p. 3)¹⁶

São estas as primeiras linhas da longa narrativa, que marcam desde logo a necessidade de descodificar imediatamente os dados figurados. Assim, ficamos a saber que se prefigura a vida terrena, onde todos os homens são colocados como peregrinos. A partir da enunciação dos nomes das personagens começa a tomar forma a antítese, completando-se com a caracterização da família de Predestinado e de Precito¹⁷. De um lado a Razão, esposa de Predestinado, “santa e honesta Virgem”, “sobremaneira formosa”, perspicaz, de cara descoberta, sem enfeites, de notável graça e contemporizadora; do outro lado a Própria Vontade, “ruim e corrupta fêmea”; “de péssima condição, toda feita a seu apetite”; caprichosa e cega. Quanto aos filhos, “eram os filhos de Predestinado mui bem criados, como filhos da Razão”, chamados Bom Desejo e Recta Intenção. Já os filhos de Precito eram mal doutrinados, como filhos da Vontade, chamados Mau Desejo e Torcida Intenção. Andavam os primeiros na escola de Verdade, onde se aprendiam as “boas artes”; frequentavam os outros a escola da Mentira, onde se aprendia a “política do mundo”.

¹⁵ No Prólogo: “Vai repartido em seis partes, porque tantas são as Cidades que o Predestinado andou até chegar a Jerusalém, em que se representava a Bem Aventurança; e as seis Cidades onde passou o Precito, até chegar a Babilónia em que se significa o Inferno”.

¹⁶ É significativo o facto de o ponto de partida dos peregrinos seja o Egipto: já no *Livro das Aves* (1999), o topónimo é conotado como símbolo do mundo e das trevas (Parte II, XXXIV).

¹⁷ Antinomia feita com base nas pp. 3-6.

A possibilidade de esquematizar o texto deste modo permite perceber a simetria de que já falámos, que se repercutirá a níveis diferentes da diegese. No segundo capítulo, o narrador desvenda a motivação da viagem encetada pelos dois irmãos:

“Enfadados das tribulações do Egipto e dos enganos de seus naturais, como Agarenos ou peregrinos que eram, Predestinado e Precito resolveram deixar a Egipto, que é o mundo, e buscar outra Cidade, para nela fazerem com sua família sua habitação. E consultando nesta matéria suas esposas Rezão e Própria Vontade, sem cujo conselho não davam passo, eis que chegam das escolas os filhos de ambos, referindo as lições que naquele dia aprenderam. Os filhos de Predestinado referiam as excelências que da santa Cidade de Jerusalém apregoavam os Profetas, principalmente referiam aquilo de David, *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei*. Os filhos de Precito repetiam as grandezas que de Babilónia referiam as escrituras, e principalmente repetiam muitas vezes o de Isaías, *Babylon illa gloriosa*. E como estas rezões eram alegadas das intenções e desejos de cada um, não foi necessário mais para se resolverem a deixar o Egipto pela Palestina: Predestinado a fazer sua jornada para Jerusalém, Precito para Babilónia.” (pp. 6-7)

Como peregrinos, preparam a viagem com o cuidado necessário. E nesta enunciação está patente a constante alegorização, de que deixamos este exemplo inicial¹⁸, conseguida pelas analogias encontradas entre o universo figurado e os conceitos doutrinários:

Adereços dos peregrinos e seu significado:

Hábito: “o da graça, que chamam baptismal”.

Esclavatina: “cortada da pele do Cordeiro de Deus, que é Cristo, a que chamaram Protecção Divina”.

Chapéu: “Memoria da salvação”.

Bordão: “Fortaleza de Deus”.

Alparcatas: “das quais ãa se dizia Constância, outra Perseverança”.

Alforge: “cheio de bons propósitos”.

Cabacinho: “coração cheo de um vinho, que dizem Conforto espiritual”.

Bolsa, com três moedas: “Bem Obrar, Bem Pensar e Bem Falar”¹⁹.

Predestinado e Precito iniciaram a sua viagem no capítulo III, da primeira Parte, caminhando pela “estrada da Vida”, partilhando os passos iniciais neste percurso comum, marcado por despenhadeiros e espessos arvoredos (“embaraços da vida”), perseguidos por feras (“paixões da vida”). Passam juntos pelo “Vale de Lágrimas” e pelo “Vale da Ocasão”, vencendo os primeiros obstáculos contra o Pecado

¹⁸ Quadro feito a partir das pp. 7-8.

¹⁹ Na Parte III, pp. 147-150, estes adereços são largamente refeitos e acrescentados.

e a Maldade (pp. 10-13). A partir do capítulo IV, os dois irmãos separaram-se e seguiram cada um o seu caminho. A antítese continua a ordenar a orientação do enredo, de que os capítulos, seguindo a peregrinação de uma e de outra personagem à vez, nos vão dando conta. A descrição desta separação determinou desde logo a diferente qualidade de cada percurso, em que o destino a alcançar é medido na razão exacta da extrema dificuldade em atingi-lo:

“Homens de bem, para onde é vossa jornada? Respondeu Predestinado que para Jerusalém, Precito para Babilónia. Bem encaminhados ides, responderam ambos, porque para Babilónia por esse vale florido se caminha, e para Jerusalém por esse outeiro longe se vai. E então tomou o Anjo bom a seu cargo encaminhar a Predestinado para Jerusalém, e o Anjo mau a Precito para Babilónia.

Apartaram-se aqui os dous irmãos, para nunca jamais se verem juntos”.
(p. 14)

Alternadamente vão sendo apresentados os dois caminhos, privilegiando a rectidão de Predestinado, sempre com grande acompanhamento de esclarecimentos doutrinários e sentenças morais. Como a matéria tratada na narrativa é abundante, vamos apresentá-la em seis sequências, que permitirão perceber a importância da simetria e da antítese.

Predestinado	Precito
Parte I	
<p>Cidade de Belém (Cidade de Deus, Casa do Pão, Oriente luminoso).</p> <p>Cidade governada pelo Desengano, “um nobre senhor”, casado com a Verdade, “ilustríssima e santa senhora”. (p. 20)</p>	<p>Cidade de Bethaven (Casa da Vaidade).</p> <p>Cidade governada pelo Engano, “antiquíssimo e incestuoso velho”, e pela irmã Mentira, “bem velha e adúltera”. (p. 15)</p>
Parte II	
<p>Nazareth.</p> <p>Governava o Culto Divino, “bom fidalgo, pio e devoto”, casado com Religião, “Santa e honesta Senhora”.</p> <p>Hospedou-se no bairro do Século.</p> <p>Palácio do Culto Divino e da Religião.</p>	<p>Efraim (Samaria).</p> <p>Governava o Vício, “um mau velho Samaritano”, casado com a Profanidade, “ruim velha”.</p> <p>Hospedou-se num bairro alto da cidade: Passatempo.</p>

Parte III	
<p>Bethania (Casa da Obediência).</p> <p>Governava o Preceito, “ilustre fidalgo da Câmara real”, casado com Obediência, “uma Escrava, porém mui santa e prezada de Deus”.</p> <p>Palácio do Decálogo. Palácio da Lei Humana.</p>	<p>Bethorón (Casa de Liberdade).</p> <p>Governava o Apetite, “homem de baixa qualidade”, casado com a Fantasia, “fêmea do mesmo sangue”.</p> <p>De Precito Peregrino passou a Precito Voluntário.</p>
Parte IV	
<p>Cafarnaú (Casa da Penitência).</p> <p>Governava o Rigor Santo, “severo fidalgo”, casado com Penitência Justa, “uma severa Matrona”.</p> <p>Palácio do Decálogo. Palácio da Lei Humana.</p>	<p>Édem (Cidade do Deleite).</p> <p>Governava o Regalo, “homem mui efeminado”, casado com a Delícia, “fêmea mui delicada e mimosa”.</p> <p>Adoeceu de Mimo, mal comum aos habitantes da cidade.</p>
Parte V	
<p>Bethel (Casa da Deus).</p> <p>Governava a Caridade, virgem do mais nobre sangue.</p> <p>Três bairros (Via Purgativa, Iluminativa e Unitiva), com três Palácios: Coração Limpo, Coração Ilustrado e Coração Perfeito.</p>	<p>Babel (Cidade da Confusão).</p> <p>Governavam o Pecado e a Maldade, “dous maliciosos e incestuosos velhos”, “inimigos e aborrecidos de Deus e a peor cousa que no mundo há”.</p> <p>Morada de sete monstros (os Pecados Capitais).</p>
Parte VI	
<p>Trânsito (hora da Morte). Tribunal do Juízo.</p> <p>Purgatório.</p> <p>Jerusalém (Cidade de Deus).</p>	<p>Trânsito (hora da Morte). Vale de Josafat (Tribunal do Juízo).</p> <p>Babilónia: Geena (Vale de tristeza) Satanás (Guarda-mor) Belzebú (Príncipe de Babilónia) Demónios (ministros) Inferno (p. 314-315)</p>

Para além do desenho da oposição constante, torna-se também evidente a estrutura paralela de cada uma das seis partes, cuja divisão cumpre um esquema determinado: em primeiro lugar, os dois capítulos iniciais, de carácter antitético, descrevendo as cidades onde tinham chegado primeiro Precito, depois Predestinado; em segundo lugar, a exposição dos ensinamentos do peregrino eleito; em terceiro lugar, um último capítulo, de carácter moral e não alegórico.

Na concretização da matéria espiritual, o narrador lança mão de procedimentos bem específicos, como a estrutura emblemática e a *ecfrasis*, em que a descrição assume um papel preponderante, recursos estes utilizados regularmente na narrativa alegórica, reforçando a intenção e a eficácia da alegoria moral que a narrativa constitui.

3.1.

A leitura da primeira parte do *Predestinado Peregrino*, constituída por onze capítulos, pode funcionar como representação dos procedimentos acima indicados, repetidos depois, exaustivamente, até ao fim da alegoria.

Depois que Precito chegou a Bethaven, no capítulo V narra-se a entrada de Predestinado na cidade de Belém. Acompanhado pela Devoção, visitou os lugares pios, mas como “para ver tam santo lugar, era necessário primeiro a mística Belém, a quem a da terra representava” (p. 20), passou a ser guiado pela Consideração que, a partir do capítulo VI, o leva a visitar o Palácio do Desengano. No campo da matéria doutrinária, sobressai a explicação dos Quatro Novíssimos do Homem (a Morte, o Juízo, o Inferno e o Paraíso), depois desenvolvidos pictórica e individualmente em quatro salas distintas, a sala da Vida Breve, a sala da Conta Larga, a sala da Pena Larga e a sala da Glória (pp. 31-40), repercutindo uma estratégia de distribuição e de multiplicação característica da literatura barroca.

Na Sala do Desengano, “mui larga, e capaz, mas não sumptuosa, porque nos palácios, posto que algumas vezes mora a Verdade, não muitas se acha Desengano” (p. 23), o peregrino achou quatro câmaras onde, pelas estações do ano, se designavam as quatro idades do homem, sendo que só na última, a Sala do Inverno (onde se podia ler “Idade de Velho”), saíam os desenganados em menor número, “porque os que nas três Idades se nam desenganam, na quarta dificultosamente acham o desengano” (p. 24). Esta dupla estrutura, alegoria/alegorese, é constante em toda a narrativa, exigida pelo conteúdo religioso e catequético. Também constante se tornou o

recurso ao “estilo” emblemático, desde logo aplicado à descrição da própria figura do Desengano:

“Estava este em um hábito honesto, mas mui diferente, porque umas vezes parecia de Rei, outras de Monge; aparecia como outro Porthéu em várias formas, ora de Velho, ora de Mancebo, para denotar que em todos os hábitos, estados e idades se pode achar o Desengano. Tinha os olhos sempre fixos em sua esposa a Verdade, que nem um momento se apartava do seu lado. Tinha por trono o globo, ou esfera do mundo sobre dous eixos, ou pólos, que chamam Vida e Morte, o qual começava seu movimento do pólo da vida e acabava no da morte (...). Viam-se escritas neste globo do mundo estas duas palavras, que pareciam encontradas, *Tudo nada*, as quais ainda que Predestinado não entendeu, Desengano facilmente ajuntou dizendo: o mundo tudo é nada, ou ao revés, nada é tudo o do mundo”. (pp. 24-25)

A descrição da figura, de uma fixidez de gravura, conjuga-se com a letra, adequada e explicativa, constituindo um procedimento de amplo recurso no *Predestinado Peregrino*. Nesta mesma primeira parte, ao retomar os Quatro Novíssimos, se recorre à mesma estrutura (pp. 26-29):

Primeira Porta - Memória da Morte: *Quid horribilius morte?*
 Segunda Porta – Lembrança do Juízo: *Quid terribilius judicio?*
 Terceira Porta – Memória do Inferno: *Quid intolerabilius gehenna?*
 Quarta Porta – Lembrança do Paraíso: *Quid jucundius gloria?*

No capítulo VIII, a construção emblemática conjuga-se com outro procedimento característico da narrativa ficcional romanesca da época barroca, que ultrapassa o domínio da literatura espiritual *in stricto sensu*. Trata-se da *ecfrasis*, ou seja, da descrição de obras de arte, transformando a imagem em palavras que, neste caso, se tornam de eficaz exemplificação moral. A descrição das quatro casas (ou salas), já referidas, constitui um dos bons exemplos apresentados no *Predestinado Peregrino*.

Casa da Vida Breve: “Aqui Notícia, e mais Consideração mostraram ao Peregrino um quadro de estremada pintura, onde ao vivo se representava um moribundo, e que entre as terríveis angústias da morte estava para expirar.

Estava este cercado de uma copiosa parentela, que em lugar de alívio lhe servia de maior perturbação; além destes outros vizinhos, que sempre costumam acompanhar os moribundos, uns chamados Dores, outros Cuidados, ou Ânrias, outros Perturbações; e os que mais molestavam eram um vizinho muito ruim, que se chama Diabo tentador, e outros, que nam sei se eram as filhas deste, se do mesmo moribundo chamadas Lembrança do passado, Lembrança do presente, Lembrança do futuro. A primeira representava ao

doente os pecados, os vícios, a vaidade, e a pouca penitência da vaidade passada; a segunda lembrava a mulher, os filhos, as riquezas, as restituições, e ainda a vida, que deixava; a terceira lembrava a conta, que de tudo havia de dar a Deus, e as portas da Eternidade, por onde havia de entrar.

E considerando Predestinado, que tudo aquilo era uma representação verdadeira, do que ele, e por todos os filhos de Adão passa, tirando-lhe do braço o porteiro Temor da Morte lhe advertiu a letra, que sobre o quadro havia escrito Desengano, a qual dizia: *Toma logo a peito/ Na vida fazer,/ O que hás de querer/ Na morte haver feito.*" (pp. 31-33)

À voltam estavam mais quadros dispostos, pintados pelo Desengano para exemplo dos peregrinos, lembrando sempre a necessidade de preparar o espírito humano para o inesperado da morte.

Sala da Conta Larga: "aqui se viam vários quadros, que o mesmo Desengano havia copiado, como tão velho artífice, com que notavelmente se moviam os peregrinos. Estava logo ao entrar da porta aquele quadro de Michael Angel do juízo Universal, com todos aqueles espantosos finais, que Cristo, e os Profetas anunciaram, no qual Consideração (que também sabe pintar) acrescentou as almas de um Predestinado, e de um Precito, em ambas as contas com o Supremo Juiz, uma com sentença de salvação, outra de condenação eterna. Desengano para melhor resolução dos peregrinos lhe escreveu: *O Juiz justo, ô Juiz espantoso./ A conta exacta; ô exame rigoroso!*" (pp. 34-35)

Outros quadros reforçavam a mesma lição do desengano, passando depois o Peregrino à sala seguinte:

Sala da Pena Larga: "Aqui mostrou Consideração ao peregrino um quadro, no qual estavam pintadas as penas dos condenados entre as eternas chamas do inferno, onde Desengano havia escrito o verso de David: *Descendeat in infernum viventes*, quis dizer: *O pintado vê primeiro./ Fugirás do verdadeiro.* Viam mais pintados pelas paredes os exemplos daqueles, que com a consideração do inferno mudaram as vidas, e se desenganaram do mundo. (...) e para que os peregrinos assim o fizessem, lhe ajuntou Desengano esta letra: *Uma alma só tens,/ Outra em ti nam há/Se a perdê-la vens,/ De ti que será?*" (pp. 37-38)

Acompanhando os passos simples e previsíveis dos dois peregrinos, estes capítulos enriquecem o enredo com uma intensa vivacidade descritiva, de variados recursos, de grande impacto visual, fixando personagens e conceitos, que visavam a instrução e a orientação do peregrino Predestinado e de seu irmão Precito.

3.2

Na sexta e última parte da narrativa, a estrutura paralela que até agora orientou os capítulos modificou-se, mantendo, no entanto, a construção antitética. Deste modo, os dois primeiros capítulos ocupam-se do destino de Precito, enquanto todos os outros relatam a chegada do Predestinado à glória de Deus:

“Na última jornada de suas peregrinações temos já aos nossos peregrinos; e se bem ambos caminharam pelo mesmo caminho da Eternidade, não foram porém pelos mesmos atalhos ambos; porque como Predestinado seguiu sempre em tudo os passos da Razão e Precito de Própria Vontade, Predestinado tomou pelo atalho da vida e Precito pelo da morte eterna.” (p. 308)

Depois da morte, Precito foi levado ao tribunal do Juízo. Pelo traje e pela família conhecia-se bem quem era, mas fez-se com cuidado um exame aos “doze sinais de reprobção”, os “doze RR (sinal próprio de Reprovados)” (p. 310). Todos os sinais foram encontrados e Precito foi condenado à Babilónia e lançado “em um profundo pélagos de fogo, onde foi coberto de eternas lavaredas, com um abismo sempiterno” (p. 314). Só então, “quando o Entendimento lhe atravessava o coração com a representação de seu Irmão Predestinado, que às portas de Jerusalém estava já alegre para entrar” (p. 316), e estava condenado por toda a eternidade, padecendo sem fim, sem alívio, sem mudança, lhe chegou o arrependimento:

“Oh Irmão meu Predestinado (dizia), quão feliz é a vossa sorte e quão mal aventurada a minha! Quão acertado andastes em caminhar pelo desengano da vida para Jerusalem e quão errado eu em caminhar pela vaidade para Babilónia! Oh maldita seja Própria Vontade, que me enganou, e malditos meus filhos que me tiraram de meu sentido para caminhar por Bethavem, e não como vós por Belem. Quão facilmente pudera ser Bem aventurado como vós, se como vós seguisse os passos da Razão! Porém já sinto com meu mal o meu engano, já vejo o fruto de minha loucura, já padeço eternamente o castigo de meus pecados.” (pp. 316-317)

Destino muito diferente foi o de Predestinado, que se viu às portas de Jerusalém. Depois da hora da sua morte, teve também de passar pelo Juízo Particular que procurou os “doze sinais da Predestinação”. Se logo o viu digno de entrar na Cidade Santa, também achou necessidade de purificá-lo de faltas menos graves com

o Purgatório. Depois de último mas extremo sofrimento, Predestinado foi recebido com grande júbilo na Cidade de Deus.

4.

Os dois últimos capítulos da novela são fundamentais em termos de interpretação alegórica do alcance moral e doutrinário da narrativa. No penúltimo capítulo, as palavras do Predestinado Peregrino lembram todos os outros peregrinos envolvidos na sua peregrinação pessoal²⁰ e o último capítulo tem como destinatário o Leitor, como já lemos em epígrafe. Da leitura individual, devia cada um dos leitores observar os dois percursos propostos e analisar o seu próprio comportamento, dando, assim, sentido à alegoria de Alexandre de Gusmão:

“Agora te pergunto a ti, que isto lês, isto, que em parábola te represento, não é o que na verdade passa entre nós? Não é verdade que todos somos irmãos, filhos todos do mesmo pai, que é Deus? Não é certo que todos nesta vida e em quanto nela vivemos, somos como Peregrinos ou como desterrados, e que a nossa Pátria é o Céu e a terra desterro? (...)

Pois consideremos devagar por onde caminharam nossos Irmãos Predestinados por onde nossos Irmãos Precitos, e veremos como por estes mesmos passos vieram a parar os Precitos no Inferno e os Predestinados na glória. Desenganai-vos, ó peregrinos, que ledes esta história, que não há outro caminho para o Paraíso da Glória, senão por onde caminhou Predestinado Peregrino; não há outro caminho para o Inferno, senão por onde foi o Peregrino Precito. Desenganai-vos, que pela vaidade da vida, pelas demasiadas riquezas, pelas delícias e regalos, pelos deleites da carne, pela ambição da honra e da vingança, se vai direito para Babilónia que é o Inferno. Desenganai-vos, que só pelo desengano deste mundo, pela piedade e devação, pela observância da Lei de Deus, pela penitência e tribulações, pelo amor e caridade de Deus se vai seguro para Jerusalém, que é a Glória.” (pp. 362-364)

Com o último capítulo da sua *História*, o Padre Alexandre de Gusmão acabou de descodificar o sentido espiritual e doutrinário da sua longa narrativa: o seguimento obediente dos preceitos seria o

²⁰ Na p. 355: “Ó vós, Peregrinos, que no desterro desta vida viveis tão pouco lembrados da doce Pátria; ó vós, que nas ribeiras de Babilónia viveis tão esquecidos de Sião, abri os olhos, vede o fim ditoso de minha peregrinação e animai-vos a seguir minhas pisadas, para poderdes ser companheiros de minha ventura. Lembrai-vos que sois Peregrinos e não tendes aí Cidade permanente, porque a vossa pátria é esta, de que gozo, e não essa em que viveis, e não é bem que tendes o desterro por pátria, nem a peregrinação por descanso”.

percurso indicado para receber o prémio divino na vida eterna. A este nível, o da exposição doutrinária e da explicação dos pontos essenciais da catequese, esteve sempre presente a antítese entre os benefícios da obediência e os malefícios do seguimento da viciosa vontade humana. O apontamento do desvio reforçou o valor do sofrimento e da recompensa do verdadeiro cristão. Além do cuidado apontamento das consequências provocadas por comportamentos opostos, toda a narrativa se organiza num crescendo de intensidade que culmina com o julgamento final à hora da morte, sendo que tal gradação atinge ambos os pólos da antítese. A condenação foi o resultado de uma concessão gradual do entendimento à vontade própria e ao desejo dos sentidos, conduzindo, como consta da quinta parte, ao esquecimento e à obliteração da consciência. Só quando condenada às penas eternas, essa consciência, sob a forma de arrependimento, ressurgue, agora inútil, mas lúcida, tornando-se por isso a causa mais profunda do sofrimento do pecador. Paralelamente, o cristão recompensado foi crescendo aos olhos de Deus, com uma aprendizagem constante da doutrina, submetendo a sua natural rebeldia dos sentidos pela obediência e pela paciência. Cada etapa representou uma prova vencida no caminho da perfeição, reforçando a possibilidade de um julgamento positivo na hora da morte. Mesmo nessa altura houve um percurso a fazer, um caminho que foi da última e necessária purificação à contemplação divina.

Esta leitura, que a narrativa nos foi proporcionando, elidindo qualquer possibilidade de sombra na interpretação, resultou do caminho inverso da escrita alegórica. Pela alegoria (ou parábola), Alexandre de Gusmão construiu um suporte material, baseado na analogia, para representar conceitos da doutrina católica, que resultou num enredo ficcional onde os protagonistas foram Predestinado e Precito. Deste modo, como já observámos, se reproduzem as construções antitética e progressiva. Os dois irmãos, partindo do mesmo local, empreendem uma viagem, definida como peregrinação, e tomando diferentes caminhos, atingem destinos opostos.

Mas esta dupla construção atinge ainda a configuração interior das personagens, facto que, no nosso parecer, assume a mais-valia literária desta narrativa moral alegórica, que poderia facilmente reduzir-se a um catecismo explicado por parábolas e metáforas. Mesmo não podendo iludir o facto de os peregrinos serem prefigurações de duas versões da vida humana, a que poderíamos chamar personagens-tipo, o seu percurso apresenta algumas *nuanças*

que não são de menosprezar pela vida psicológica que lhes incute, não deixando, claro, de ter significados morais, como seja a demonstração do livre-arbítrio e do valor da razão. Em toda a viagem, também mercê do contexto envolvente, Precito actua e escolhe de acordo com o prazer e o bem-estar. Mas estas sensações conhecem limites, e a passagem por cidades diferentes é a resposta ao mal-estar produzido pelos excessos. Enquanto existiu neste peregrino um laivo de memória e de entendimento, o retorno foi possível; mas cada cidade, ao celebrar a vaidade, o ócio, a liberdade e o deleite, foi embotando os avisos da razão. Quando Precito chegou a Babel, a cidade da confusão, já tinha perdido o discernimento e o seu destino natural foi o bairro mais escuro da Babilónia, o Inferno.

Quanto a Predestinado, este sempre teve um aliado fundamental, a razão, e por isso as impressões dos sentidos não conseguiram vencer a sua determinação de chegar a Jerusalém. Em cada cidade, o seu interior se tornava mais rico, pelo conhecimento, pela experiência, pela contemplação de raros exemplos de virtude. E o bem-estar que sentia era o alento que o levava a prosseguir a sua peregrinação, pressentindo que os obstáculos ainda eram muitos e que era importante saber como dominá-los, passando a níveis cada vez mais intensos de obediência, de paciência e de mortificação. A luta interior faz parte do seu aperfeiçoamento, entre o sofrimento e o bem-estar do corpo. Veja-se como em Cafarnaú, quando foi levado a descansar no Vale das Angústias, vendo que em lugar de alívio só encontrava tribulações, se revoltou:

“Arrenego eu de tais jardins! Este é o alívio depois de tanto rigor? A estas palavras disse com alguma aspereza Arrependimento, cala Peregrino, não digas essas cousas, tu não sabes que em minha companhia aos que são Predestinados são os espinhos flores, os mosquitos rouxinol, a peçonha medicina, e as águas amargas favos de mel?” (p. 227)

E ao longo da viagem, nem sempre Jerusalém lhe pareceu que seria o seu destino. A citação que transcrevemos mostra-nos a humildade de Predestinado, mas também se apresenta como o melhor exemplo da jornada e da correspondente progressão espiritual:

“Altas cousas pareciam estas ao humilde coração de Predestinado, e pelo ardente desejo que tinha de alcançar a perfeita santidade, perguntou humildemente a Santa Virgem Caridade, se era possível que ele miserável pecador alcançasse tanto bem? A ti, Peregrino, que tens chegado atéqui, não só é possível mas fácil, porque todo aquele que soube achar o verdadeiro

desengano, como tu achaste em Bethlem; que soube viver em exercícios de piedade e devação em Nazareth, como tu viveste; que viveu debaixo da Obediência em Bethania e correu o caminho dos divinos preceitos, como tu fizeste; que viveu em Cafarnaú ou no campo de penitência, como tu viveste; e finalmente que chegou a entrar em Bethel, casa de Deus, habitando nos dous bairros em que tu habitaste, é muito fácil chegar aqui a este último dos perfeitos e alcançar nele a perfeita santidade.” (pp. 297-298)

5.

No conjunto de uma obra impulsionada por motivos essencialmente didáticos, a *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* ocupa um lugar distinto no contexto da produção espiritual barroca. Apesar do intuito catequético do Padre Alexandre de Gusmão, que se manifesta num discurso despojado e ordenador da doutrina e do comportamento religioso individual, a sua estrutura ficcional acrescentou-lhe uma agradabilidade que teria sido muito eficaz na transmissão da doutrina, colorindo e clarificando os pontos de mais difícil leitura e acolhimento. A apresentação dramática de dois caminhos diversos, prefigurados pelo Predestinado e pelo Precito, revela a mentalidade barroca que acusava fortemente a consciência da oposição entre Bem e Mal, mas, sobretudo, desvenda o papel fundamental da alegoria na expressão de conteúdos de carácter espiritual, reconhecendo-lhe uma acuidade e uma eficácia extraordinárias.

BIBLIOGRAFIA:

AUGUSTO, Sara (2004), *A Alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*, Viseu.

Boosco deleitoso (1950), vol. I: Texto crítico, ed. crítica, introd., anotações e glossário de Augusto Magne, Rio de Janeiro.

BUNYAN, John (1678), *The Pilgrim's Progress from this world, to that which is to come: delivered under the Similitude of a Dream wherein is discovered, the manner of his setting out, his dangerous journey; and safe arrival at the Desired Countrey*, London.

BUNYAN, John (1782), *Peregrinação de um Christão, ou Viagem para a Cidade Celeste, debaixo da Alegoria de um Sonho*, Lisboa Castelo Perigoso (2001), edição crítica de Elsa Maria Branco da Silva, Lisboa.

FLETCHER, Angus (1982), *Allegory, The Theory of a symbolic mode*, Ithaca/London.

GUSMÃO, Alexandre de (1678), *Escola de Bethlem, Jesus nascido no Presepio*, Évora.

GUSMÃO, Alexandre de (1682), *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, Évora.

GUSMÃO, Alexandre de (1685), *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, Lisboa.

GUSMÃO, Alexandre de (1734), *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral*, Lisboa.

Livro das Aves (1999), ed. Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa.

MACHADO, Diogo Barbosa (1965-1967), *Biblioteca Lusitana*, 4 vols., Coimbra.

MENÉNDEZ-PELAYO, Marcelino (1943), *Orígenes de la novela*, vol. I, Santander.

Orto (ou Horto) do Esposo (1956), edição crítica, introdução, anotações e glossário de Bertil Maler, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Nuno Marques (1728), *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, Lisboa.